

# uma noite em lisboa

erich maria remarque

Tradução de Luís Coimbra



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

**Para**  
**PAULETTE**  
**REMARQUE**



# 1



**D**EMOREI-ME A OLHAR FIXAMENTE PARA O NAVIO. PROFUSAMENTE iluminado, o barco aguardava fundeado no Tejo. Embora estivesse em Lisboa há já uma semana, ainda não me habituara à sua iluminação exuberante. Nos países por onde anteriormente passara, à noite as cidades jaziam escuras como minas de carvão, e uma lanterna nas trevas era mais temível do que a peste na Idade Média. Eu vinha da Europa do século xx.

A embarcação era um navio de passageiros; estava a receber carga. Eu sabia que o barco tinha partida marcada para a tarde do dia seguinte. À luz crua das lâmpadas despidas, caixotes de carne, peixe, conservas, pão e legumes iam sendo acamados no porão; os estivadores levavam bagagens para bordo, levantando grades e fardos tão silenciosamente como se nada pesassem. O navio estava a ser preparado para uma travessia — como a arca no tempo do dilúvio. *Era* uma arca. Cada navio que deixava a Europa naqueles meses de 1942 era uma arca. A América era o Monte Ararat e o nível das águas enchentes aumentava de dia para dia. Há muito que tinham submergido a Alemanha e a Áustria, alagavam agora a Polónia e a Praga; Amesterdão, Bruxelas, Copenhaga, Oslo e Paris haviam já sido inundadas, as cidades de Itália tresandavam de infiltração e nem a Espanha estava a salvo. A costa portuguesa tornara-se na última esperança dos fugitivos para quem a justiça, a liberdade e a tolerância eram mais importantes do que a pátria e os meios de subsistência. Portugal era uma ponte para a América. Quem não conseguisse alcançá-la, estava perdido, condenado à morte lenta num dédalo de consulados, esquadras de Polícia e repartições públicas, onde os vistos eram sempre recusados e as licenças de trabalho e residência impossíveis de se obter, uma selva de campos de internamento, pesadelos burocráticos, solidão e saudade onde se definhava perante a indiferença generalizada. Como é habitual em tempos de guerra, medo

e sofrimento, o indivíduo deixava de existir como ser humano; só uma coisa importava: possuir um passaporte válido.

Naquela tarde fora jogar ao Casino Estoril. Ainda conservava um fato em bom estado e deixaram-me entrar. Sem outro recurso, foi uma última tentativa de corromper o destino. A nossa autorização de permanência em Portugal expirava dali a poucos dias, e eu e Ruth não tínhamos nenhum visto alternativo. Havíamos planeado tudo em França e fizéramos uma lista de possíveis viagens marítimas para Nova Iorque. O navio que estava fundeado no Tejo era a última hipótese. Porém, há meses que se encontrava esgotado; não tínhamos vistos para entrarmos na América e faltavam-nos mais de trezentos dólares para pagarmos as passagens. Tentei ao menos angariar o dinheiro necessário do único modo que ainda era viável para um estrangeiro em Lisboa — jogando. Foi uma ideia absurda, pois, mesmo que tivesse ganho, só por milagre conseguiríamos lugar a bordo. No entanto, em tempos de perigo e aflição ganha-se fé em milagres; sem ela, não nos aguentaríamos em pé.

Perdi cinquenta e seis dos sessenta e dois dólares que ainda tínhamos.

**A NOITE IA JÁ AVANÇADA E A ZONA DO CAIS ESTAVA QUASE DESERTA.** Contudo, passado algum tempo apercebi-me de que havia outro homem por perto. Primeiro começou a deambular de um lado para o outro, e depois parou e pôs-se também ele a olhar fixamente para o navio. Mais um refugiado desamparado, pensei, e não lhe tornei a ligar até ter pressentido que me tinha debaixo de olho. Os refugiados nunca perdem o medo à Polícia, nem mesmo quando dormem ou não têm nada a temer — portanto voltei-lhe as costas, fingindo-me indiferente e aborrecido, e comecei a afastar-me do cais lentamente, como quem não tem receios alguns.

Momentos mais tarde, ouvi passos atrás de mim. Segui caminho, mas sem me apressar, matutando como haveria de avisar Ruth se fosse detido. Ao fundo do cais, as casas pintadas em tons de pastel, adormecidas como borboletas na noite, ainda estavam demasiado longe para tentar correr e esconder-me no emaranhado de ruelas estreitas.

Agora o homem vinha a meu lado. Era um pouco mais baixo do que eu.

— O senhor é alemão? — perguntou-me em alemão.

Abanei a cabeça e continuei a andar.

— Austríaco?

Não respondi. Ia olhando para as casas em tons de pastel, que se aproximavam demasiado devagar para o meu gosto. Eu sabia da existência de polícias portuguesas que falavam muito bem alemão.

— Não sou polícia — afirmou o homem.

Não acreditei. Ele vestia à civil, mas eu já fora detido dezenas de vezes por agentes à paisana na Europa. Tinha documentos, bem falsificados em Paris por um professor de matemática de Praga, mas que não resistiriam a um exame mais atento.

— Vi-o a olhar para o navio — disse o homem —, e pus-me a pensar...

Tirei-lhe as medidas com um ar indiferente. Realmente não tinha ar de polícia, mas o último agente à paisana, que me entalara em Bordéus, apesar de me ter parecido tão patético como Lázaro ao fim de três dias no túmulo, fora o mais impiedoso de todos. Levava-me preso embora soubesse que os alemães chegariam a Bordéus no dia seguinte, e teria sido o meu fim se o diretor prisional, compreensivo, não me tivesse soltado horas mais tarde.

— Quer ir para Nova Iorque? — perguntou-me o homem.

Não reagi. Já só faltavam cerca de vinte metros; aí, se fosse necessário, poderia deitá-lo ao chão e fugir.

— Tem aqui — disse o homem, levando uma mão ao bolso — dois bilhetes para aquele navio.

Vi as passagens. À luz fraca que ali incidia, não me era possível ler o que estava impresso nos papéis. Mas já tinha ganho terreno suficiente para ser seguro parar.

— O que vem a ser isto? — perguntei-lhe em português. Tinha aprendido algumas palavras na língua local.

— Pode ficar com eles — disse o homem. — Não me fazem falta.

— Não lhe fazem falta? Como assim?

— Já não preciso deles.

Fiquei espantado a olhar para o homem, incapaz de compreender. Sem dúvida que não tinha cara de polícia. Se a intenção dele fosse prender-me, poderia tê-lo feito sem recurso a truques tão rebuscados. Mas se os bilhetes eram válidos, porque não os utilizaria ele? Porque mos estaria a oferecer? Algo começou a vacilar dentro de mim.

— Não posso comprar-lhos — respondi finalmente em alemão. — Valem uma fortuna. Há refugiados ricos em Lisboa; devem estar dispostos a pagar qualquer montante que lhes peça. Veio falar com o homem errado. Não tenho dinheiro.

— Não os quero vender — afirmou o homem.

Tornei a olhar para as passagens.

— São verdadeiras?

Ele entregou-mas sem dizer uma única palavra. Os papéis fizeram barulho quando os apertei entre os dedos. Eram genuínos. Ter ou não ter passagens era a diferença entre a salvação e a ruína. Mesmo que não pudesse utilizá-las sem vistos americanos, ainda ia a tempo de tentar obtê-los na manhã seguinte, fazendo-me valer da posse dos bilhetes — pelo menos poderia sempre vendê-los. O valor recebido daria para irmos sobrevivendo durante mais seis meses.

— Não compreendo — admiti.

— Pode ficar com eles — confirmou. — Dou-lhos de graça. Parto de Lisboa amanhã de manhã. Só lhe imponho uma condição.

Baixei os braços. Bem me parecia que era bom de mais para ser verdade.

— Qual condição? — perguntei.

— Não quero passar a noite sozinho.

— Quer que lhe faça companhia?

— Sim. Até ao amanhecer.

— Só isso?

— Só isso.

— Mais nada?

— Mais nada.

Olhei para ele, incrédulo. Naturalmente eu sabia que as pessoas na nossa situação por vezes ficavam destroçadas; havia alturas em que a solidão se tornava insuportável. Conhecia o pavor ao vazio que ataca aqueles cujo mundo se esvaziou, e sabia que até a companhia de um desconhecido podia evitar que um homem se suicidasse. Mas nesses casos era perfeitamente natural que as pessoas se ajudassem uma às outras; não havia qualquer necessidade de recompensa. Muito menos de uma recompensa daquelas!

— Onde mora o senhor? — perguntei.

Esboçou um gesto negativo.

— Não quero ir para lá. Não haverá algum bar que ainda esteja aberto?

— Deve haver.

— Não há nenhum sítio que acolha refugiados, como o Café de la Rose em Paris?

Eu conhecia o Café de la Rose. Dormira lá com Ruth duas semanas. O dono deixava as pessoas ficarem quanto tempo quisessem pelo preço de uma chávena de café. Estendíamos folhas de jornal e deitávamo-nos no chão. Nunca dormi em cima das mesas; do chão não se pode cair.

— Não sei de nenhum — respondi. Não era verdade, mas não se leva um homem com duas passagens marítimas para oferecer a um local frequentado por pessoas que até a alma venderiam para comprá-las.

— Só conheço um sítio — disse o homem. — Podemos experimentar. Talvez ainda esteja aberto.

Fez sinal a um táxi que passava solitário e olhou para mim.

— Vamos a isso — acedi.

Entrámos no carro e indicou uma morada ao motorista. Teria sido preferível avisar Ruth de que não voltaria a casa naquela noite; mas ao entrar no táxi escuro e nauseabundo, senti-me arrebatado por uma esperança tão violenta e desmedida que quase fiquei com a cabeça a andar à roda. Talvez fosse tudo verdade; talvez as nossas vidas não estivessem por um fio e o impossível estivesse a acontecer; talvez fosse aquela a nossa salvação. Assim que esta ideia se me infiltrou nos pensamentos, tive medo de me separar daquele desconhecido por um segundo que fosse.

Contornámos a Praça do Comércio com o seu aspeto teatral e, passado algum tempo, chegámos a um labirinto de vielas e escadarias inclinadas. Não conhecia aquela parte de Lisboa; como é natural, conhecia principalmente as igrejas e os museus — não tanto por nutrir grande paixão por Deus ou pela arte, mas simplesmente por ninguém pedir documentos de identificação nesses locais. Na presença de Cristo crucificado e dos grandes mestres, mantínhamos o estatuto de seres humanos — não apenas portadores de documentação duvidosa.

Saímos do táxi e seguimos a pé por escadarias e ruas sinuosas. Cheirava a peixe, alho, flores, sol morto e sono. De um lado, sob a Lua nascente, o Castelo de São Jorge sobressaía na noite, e o luar descia em cascata pelos degraus. Voltei-me e olhei para o porto lá em baixo. Ali estendia-se o rio, e o rio era sinónimo de liberdade e vida; corria para o oceano, e o oceano queria dizer América.

Estaquei.

— Espero que não esteja a brincar comigo — avisei-o.

— Não estou — respondeu o homem.

— Refiro-me aos bilhetes.

Ele tornara a metê-los ao bolso ainda no cais.

— Não. Não estou a brincar consigo — asseverou, apontando para uma praceta rodeada de árvores. — O sítio de que lhe falei fica além. Ainda está aberto. Ali não devemos dar nas vistas. Quase todos os fregueses são estrangeiros. Hão de pensar que nos vamos embora amanhã e

estamos a festejar a nossa última noite em Portugal antes de apanharmos o barco.

O estabelecimento era um tipo de restaurante aberto fora de horas, com uma pequena pista de dança e terraço, feito à medida para atrair turistas. Ouvia-se alguém a tocar guitarra e, em pano de fundo, uma rapariga cantava o fado. No terraço, muitas das mesas eram ocupadas por estrangeiros. Entre eles havia uma senhora de vestido de noite e um homem de *smoking* branco. Encontrámos uma mesa vaga na ponta do terraço. Dali tinha-se vista para Lisboa aos nossos pés, as igrejas à luz pálida do luar, as ruas, o porto, o cais, e o navio que era uma arca.

— Acredita na sobrevivência além da morte? — perguntou-me o homem dos bilhetes.

Levantei a cabeça. Estava a espera de tudo, menos daquilo.

— Não sei — acabei por responder. — Nos últimos anos tenho andado demasiado preocupado com a sobrevivência antes da morte. Hei de pensar melhor no assunto quando estiver na América — acrescentei, para lhe lembrar as passagens que me prometera para apanhar o navio.

— Eu não — afirmou.

Suspirei de alívio. Estava preparado para ouvir de tudo, mas não teria aguentado uma discussão. Sentia-me demasiado inquieto. O navio estava lá em baixo.

O homem parou de se mexer durante algum tempo, como se estivesse a dormir de olhos abertos. Quando o guitarrista saiu para o terraço, acordou.

— Chamo-me Schwarz — apresentou-se. — Não é o meu nome verdadeiro; é o nome que consta no meu passaporte. Mas já me acostumei a ele. Para hoje, terá de servir. Passou muito tempo em França?

— Tanto quanto me permitiram.

— Num campo de internamento?

— A partir do momento em que a guerra estalou. Eu e todos os outros.

O homem assentiu com a cabeça.

— Nós também. Nessa época fui feliz — disse rapidamente em voz baixa, de cabeça caída e sem me olhar. — Fui muito feliz. Mais feliz do que alguma vez julgara possível.

Voltei-me para ele, surpreendido. Francamente não parecia ser homem para falar assim. Dava a impressão de ser bastante reservado, até banal.

— Quando? — perguntei. — Quando estava no campo?

— Não. Antes disso.

— Em 1939? Em França?

— Sim. No verão antes da guerra. Ainda hoje não entendo como tudo aconteceu. É por isso que agora preciso de falar com alguém. Não conheço cá ninguém. Mas se contar a história a outra pessoa, será mais fácil recordar-me. Ficará tudo mais nítido na minha memória e não há de desaparecer. Simplesmente tenho de... — disse interrompendo-se antes de completar a frase. — Compreende? — perguntou passado algum tempo.

— Sim — respondi. — Não é difícil compreender, Sr. Schwarz.

— Não tem compreensão possível! — ripostou com uma violência repentina. — Ela está deitada lá em baixo, num quarto com as janelas fechadas, dentro de um caixão de madeira horrível; morreu, já não existe! Quem é que pode compreender isso? Ninguém! Nem o senhor, nem eu, nem ninguém, e quem disser o contrário está a mentir!

Não teci comentários e fiquei à espera. Já me sentara muitas vezes com outros homens em circunstâncias semelhantes. Naquele tempo as perdas eram mais difíceis de suportar para quem já não tinha pátria. Não havia nada que nos amparasse e a terra de acolhimento tornava-se terrivelmente estranha. Eu próprio passara por isso na Suíça, quando soube que os meus pais tinham sido assassinados e cremados num campo de concentração. Fiquei obcecado com a imagem dos olhos da minha mãe nas chamas do forno crematório.

— Presumo — disse Schwarz, já mais calmo — que sabe o que é o pânico do refugiado.

Anuí com um gesto. Um empregado de mesa trouxe-nos uma taça cheia de camarões. Subitamente tomei consciência de que tinha muita fome e lembrei-me que não comera nada desde o almoço. Olhei hesitante para Schwarz, do lado oposto da mesa.

— Coma à vontade — aconselhou. — Eu espero.

Mandou vir vinho e cigarros. Fui comendo depressa. Os camarões eram frescos e estavam bem temperados.

— Peço desculpa — disse eu —, mas tinha muita fome.

Enquanto comia, ia observando Schwarz. Estava placidamente sentado, de olhos pousados no magnífico cenário lisboeta, sem dar mostras de impaciência ou irritação. Comecei a nutrir por ele uma certa simpatia. Schwarz parecia ciente de que, independentemente do que ditarem os compêndios de boas maneiras, um homem tinha direito à sua fome, mesmo quando perante a infelicidade alheia, sem por isso ser considerado insensível. Não havendo nada a fazer para ajudar, mais vale aproveitar a comida antes que nos seja tirada, porque isso pode acontecer a qualquer instante.

Afastei o prato para o lado e tirei um cigarro. Há muito tempo que não

fumava. Prescindira do tabaco para ter um pouco mais de dinheiro para apostar no jogo.

— **O PÂNICO ATACOU-ME NA PRIMAVERA DE 1939** — DISSE SCHWARZ.

— Já vivia como refugiado há mais de cinco anos. Onde estava o senhor no outono de 1938?

— Em Paris.

— Também eu. Já tinha desistido. Isso aconteceu pouco antes de ter sido assinado o Pacto de Munique. Já nem medo tinha. Continuava escondido e tomava precauções por força de hábito, mas tinha-me rendido. Convenci-me de que ia haver guerra e os alemães acabariam por vir buscar-me. Era esse o meu destino. Resignei-me.

Concordei com um aceno da cabeça.

— Foi nessa época que houve a vaga de suicídios. Foi um fenómeno curioso: quando os alemães realmente chegaram, ano e meio mais tarde, houve menos suicídios.

— Depois assinaram o Pacto de Munique — disse Schwarz. — Nesse outono pareceu que a vida recomeçou. Era uma vida tão bela e tão alegre que nos tornámos descuidados. Nesse ano, em Paris, até os castanheiros floresceram uma segunda vez. Lembra-se? O ambiente subiu-me à cabeça; tornei a sentir-me um ser humano, e, pior ainda, comecei a comportar-me como tal. Foi assim que a Polícia me apanhou e me prendeu quatro semanas por entrada ilegal reincidente no país. Repetiu-se a velha dança de sempre: empurraram-me para o outro lado da fronteira em Basileia, os suíços recambiaram-me, os franceses tornaram a expulsar-me noutra sítio, fui novamente detido... calculo que conheça esse processo, autêntico jogo de xadrez com seres humanos...

— Conheço. No inverno não era pera doce. As prisões suíças eram as melhores. Tinham aquecimento, como se fossem hotéis.

Recomecei a comer. As memórias desagradáveis têm uma virtude: convencem-nos de que estamos felizes quando ainda há pouco nos convencíamos do contrário. A felicidade é uma questão de gradação relativa. Assim que percebemos isso, raramente ficamos inconsoláveis. Eu já tinha sido feliz em prisões suíças por não serem alemãs. Mas agora estava em frente a um homem que me falava como se a vida lhe sorrisse, embora, algures em Lisboa, jazesse um cadáver num caixão de madeira dentro de um quarto mal arejado.

— Da última vez que me soltaram, avisaram que teriam de me repatriar para a Alemanha se voltassem a apanhar-me sem documentos — contou Schwarz. — Foi só uma ameaça, mas assustou-me. Pus-me a pensar no que faria se isso realmente acontecesse. À noite, comecei a sonhar que estava na Alemanha, com a SS no meu encalço. O sonho repetiu-se tantas vezes que ganhei medo ao sono. Alguma vez lhe aconteceu isso?

— Era capaz de escrever uma tese sobre o assunto — repliquei.

— Numa noite sonhei que estava em Osnabrück, na cidade onde morava antigamente e onde ainda vivia a minha esposa. Imaginei que me encontrava no quarto dela, e que ela estava visivelmente doente. Magra como um espeto. Lavada em lágrimas. Acordei com suores frios. Não a via nem tinha notícias dela há cinco anos. Também não tentara contactá-la por escrito, pois não sabia se a correspondência dela era controlada. Antes de nos despedirmos, prometeu divorciar-se de mim. Achei que isso lhe facilitaria a vida, e, durante alguns anos, convenci-me de que ela assim fizera.

Schwarz calou-se por momentos. Não lhe perguntei o que o levava a sair da Alemanha. Razões para isso não faltavam, mas nenhuma delas tinha interesse, pois eram injustas sem exceção. Não é interessante ser-se vítima. Talvez ele fosse judeu, ou filiado num partido político de oposição ao Regime, ou tivesse feito inimigos que hoje ocupassem cargos influentes — na Alemanha havia dezenas de razões para nos mandarem para um campo de concentração, ou condenarem à morte.

— Consegui voltar a Paris — disse Schwarz. — Mas o tal sonho não me dava tréguas. Teimava em repetir-se. Isso foi na altura em que se desfez a ilusão do Pacto de Munique. Quando chegou a primavera, toda a gente sabia que a guerra era uma certeza. Era algo que pairava no ar, como o cheiro a fumo antes de vermos o fogo. Só os diplomatas fechavam os olhos à situação, alimentando sonhos cor-de-rosa... esperavam uma segunda ou terceira Munique, pensavam em tudo menos na guerra. Nunca tantos tiveram fé em milagres como no nosso tempo, em que não acontece nenhum.

— Claro que acontece — discordei —, caso contrário nenhum de nós estaria vivo hoje.

Schwarz anuiu.

— Tem razão. Há milagres particulares. Eu próprio tive um. Começou em Paris. Inesperadamente, herdei um passaporte válido. É nesse que consta o nome de Schwarz. Pertencia a um austríaco que eu tinha conhecido no Café de la Rose. Morreu e deixou-me o passaporte, juntamente com todo o seu dinheiro. Ele só chegara à cidade há três meses. Conhecemo-nos no

Louvre... estávamos a apreciar os impressionistas. Eu ia lá muitas vezes à tarde, para sossegar os nervos. Quem olhava para aquelas paisagens pacíficas, banhadas pelo sol, simplesmente não conseguia acreditar que uma espécie capaz de criar obras assim ia travar uma guerra assassina... era uma ilusão tranquilizadora, que fazia baixar a tensão arterial durante uma ou duas horas.

«O homem que tinha o passaporte com o nome de Schwarz passava muito tempo a contemplar os nenúfares e as catedrais de Monet. Num dia metemos conversa e contou-me que, depois da *Anschluss*<sup>1</sup>, conseguira sair da Áustria deixando ficar lá a sua fortuna, que consistia numa coleção de obras impressionistas, que foi apreendida pelo Estado. Não estava arrependido. Enquanto houvesse quadros nos museus, poderia contemplá-los como se fossem dele, sem se preocupar com a hipótese de arderem num incêndio ou serem roubados. Além do mais, nos museus franceses encontrava quadros melhores do que alguma vez tivera em casa. Em vez de ficar preso à sua coleção medíocre, como um pai à família que lhe calha, obrigado a preferir os que são seus, sentia-se agora dono de todos os quadros em exposição nos museus públicos, sem que isso lhe exigisse qualquer esforço ou responsabilidade. Era um homem esquisito, pacato, afável e alegre, apesar de tudo o que tinha sofrido. Não tivera oportunidade de trazer quase nada com ele para fora do país, mas guardara uma quantidade de selos antigos. Os selos são os objetos mais pequenos que se pode esconder, são mais fáceis de transportar do que diamantes. É difícil andar com diamantes escondidos nos sapatos quando há risco de nos chamarem para sairmos do comboio e sermos interrogados. Não há maneira de vendê-los sem prejuízo avultado e sem sermos sujeitos a muitas perguntas. Os selos são objetos que interessam a colecionadores, e estes não são assim tão curiosos.»

— Como é que os tirou do país? — perguntei com a curiosidade profissional que todos os refugiados partilham.

— Levou com ele algumas cartas antigas, aparentemente inócuas, e escondeu os selos no forro dos envelopes. Os fiscais revistaram as cartas, mas não os sobrescritos.

— Nada mal — comentei.

— Também levou dois pequenos retratos de Ingres, desenhados a lápis. Montou-os em molduras douradas, horrorosas, e disse que eram imagens dos seus pais. Escondeu dois desenhos de Degas entre os retratos e a armação.

---

<sup>1</sup> Anexação da Áustria realizada pela Alemanha em 1938.

— Nada mal — repeti.

— Em abril teve um ataque cardíaco. Ofereceu-me o passaporte, os selos que restavam, e os desenhos. Deu-me também as moradas de algumas pessoas que teriam interesse em comprar os selos. Quando passei por casa dele na manhã seguinte, estava morto na cama, de tal maneira diferente naquele silêncio que quase não o reconheci. Fiquei com o dinheiro que lhe sobrara, um fato e alguma roupa interior. Ainda na véspera me convidara a fazer isso mesmo; preferia deixar o que tinha a um companheiro de infortúnio, a deixá-lo ao senhorio.

— O senhor alterou o passaporte? — perguntei.

— Só a fotografia e a data de nascimento. Schwarz era vinte anos mais velho do que eu. Tínhamos o mesmo nome próprio.

— Quem fez o trabalho? O Brünner?

— Foi uma pessoa de Munique.

— Então foi o Brünner, o falsificador de passaportes. É um verdadeiro artista.

Brünner era famoso pela arte com que modificava documentos de identificação. Ao longo da vida, ajudara inúmeras pessoas, mas não tinha documentação para se identificar quando o prenderam. Era supersticioso. Considerava-se um homem honrado e um benfeitor público, e estava convencido de que não lhe aconteceria nada desde que não usasse o seu talento em seu próprio benefício. Fora dono de uma pequena tipografia em Munique.

— Onde anda ele agora? — perguntei.

— Não está cá em Lisboa?

Eu não tinha a certeza, mas, se ainda fosse vivo, era possível.

— FOI ENGRAÇADO — DISSE SCHWARZ II. — QUANDO PASSEI A TER passaporte, não me atrevia a usá-lo. Também demorei alguns dias a habituar-me ao novo nome. Não parava de repeti-lo para comigo. Ao passear nos Campos Elísios, ia murmurando o nome, o local e a data de nascimento novos. Sentava-me num museu, a olhar para os quadros de Renoir, e, se me apanhasse sozinho, ensaiava um diálogo imaginário. Dizia em voz firme: “Schwarz!”, levantava-me de um salto e respondia: “Presente!” Ou então rosnava: “Nome!”, e respondia automaticamente: “Josef Schwarz, nascido em Wiener Neustadt, 22 de junho de 1898.” Até praticava antes de me ir deitar. Não queria arriscar-me a ser acordado por um polícia e a dizer o nome errado antes de estar bem desperto. Tinha de esquecer de uma vez

por todas o meu antigo nome. Há uma diferença entre não ter passaporte e ter um passaporte falso. O falso é mais perigoso.

«Vendi os dois desenhos de Ingres. Renderam menos do que esperava, mas sempre ganhei algum dinheiro, dinheiro como não via há muito tempo.

»Houve, então, uma noite em que me ocorreu uma ideia que não me tornou a largar. Devia ser possível ir à Alemanha com aquele passaporte. Era quase autêntico, e porque haveria alguém de desconfiar na fronteira? Podia tornar a ver a minha mulher. Podia acabar com o receio que tinha por ela. Podia...»

Schwarz olhou para mim.

— Imagino que conheça a sensação. Pânico de refugiado no seu estado mais puro. Aquele aperto no estômago, o nó na garganta, a pressão por detrás dos olhos. Tudo o que tentámos recalcar ao longo dos anos, as coisas que fizemos para esquecer, tudo aquilo de que fugimos como se da peste se tratasse, volta de repente à superfície. A memória é uma doença fatal para o refugiado; é o cancro que lhe consome a alma.

«Tentei resistir. Continuei a visitar aquelas imagens de paz e sossego nos quadros de Sisley, Pissarro, e Renoir; passava horas no museu — mas agora as visitas tinham o efeito inverso sobre mim. Os quadros deixaram de me serenar... começavam a gritar, a desafiar-me... a lembrar-me de uma terra que ainda não fora destruída pela lepra de fardas castanhas, traziam à memória as tardes passadas em ruas flanqueadas de muros carregados de lilases, a luz dourada ao pôr do Sol na cidade velha, os campanários esverdeados das igrejas que as andorinhas contornavam... e a minha mulher.

»Sou um homem vulgar, sem qualidades especiais. Durante quatro anos, tivera com a minha esposa uma vida como tantas outras: pacata, agradável, mas sem grande paixão. Ao fim dos primeiros meses, a nossa relação tornara-se naquilo a que se pode chamar um casamento feliz: o convívio entre duas pessoas atenciosas sem expectativas desmedidas. Os nossos sonhos eram coisas do passado, mas não deixavam saudades. Éramos duas pessoas sensatas. E gostávamos muito um do outro.

»Agora vejo tudo sob outra perspetiva. Comecei a censurar-me; fora por minha causa que o nosso casamento se tornara tão trivial. Eu tinha estragado tudo. O que queria eu da vida? O que fazia dela agora? Tinha-me enfiado numa toca e deixara-me vegetar. Até quando continuaria assim? Como iria tudo acabar? A guerra era certa e a Alemanha a provável vencedora; nenhum outro país estava devidamente preparado. Quando acabasse,

o que seria de mim? Onde poderia eu esconder-me, mesmo acreditando que tivesse tempo e forças para isso? Em que campo de concentração moreria eu de fome? Se tivesse sorte, em frente a que muro seria fuzilado?

»O passaporte, que me devia ter dado paz, levou-me ao desespero. Comecei a palmilhar as ruas até ficar exausto, mas nem assim conseguia dormir, e quando adormecia, os sonhos acordavam-me. Via a minha esposa nos calabouços da Gestapo; ouvia-a gritar por socorro no pátio do hotel; e um dia, ao entrar no Café de la Rose, pareceu-me ter visto o rosto dela refletido no espelho em frente à porta. Voltou-se para mim por um instante — pálida, de olhos mortiços — antes de desaparecer. Foi uma imagem tão nítida que tive a certeza de que era ela. Corri para a sala dos fundos. Como sempre, estava cheia, mas não a encontrei ali.

»Durante alguns dias, vivi obcecado com a ideia de que ela tinha vindo a Paris e andava à minha procura. Vi-a diversas vezes ao virar da esquina; vi-a sentada num banco nos Jardins do Luxemburgo, mas quando cheguei lá, não conhecia o rosto espantado que se levantou para mim; vi-a atravessar a Praça da Concórdia no preciso momento em que os carros estavam prestes a arrancar, e dessa feita só podia ser ela — tinha a mesma maneira de andar, com as costas direitas; até julguei que lhe reconhecia o vestido, mas quando, finalmente, o polícia sinaleiro mandou parar o trânsito e pude correr atrás dela, já tinha desaparecido na boca escura do Metro. Desci as escadas a correr e cheguei mesmo a tempo de ver as luzes do comboio a afastarem-se trocistas, para dentro da escuridão.

»Desabafei com um amigo. Chamava-se Löser; vendia meias de senhora e antigamente fora médico, em Breslau. Aconselhou-me a não passar tanto tempo sozinho.

»— Arranja uma mulher — receitou.

»Não serviu de nada. Sabe como são essas relações que nascem do sofrimento, da solidão e do medo. Ansiamos por calor humano, uma voz, um corpo — depois acordarmos num quarto desconhecido, terrível, completamente desamparados. O desespero é tal que damos graças pela respiração que ouvimos ao nosso lado — mas depois a imaginação recomeça a funcionar e, passado algum tempo, a única coisa que nos resta é a vergonha por nos termos conspurcado.

»Agora que falamos disso, parece-me tudo absurdo e contraditório. Naquela altura não foi assim. Todos os meus dilemas levaram à mesma conclusão: tinha de voltar. Tinha de tornar a ver a minha esposa. Talvez já vivesse com outro há mais tempo do que eu poderia imaginar. Nada disso

importava. Tinha de vê-la, e para mim, essa necessidade era perfeitamente lógica.

»A cada dia que passava, tornava-se mais nítido que a guerra era inevitável. Hitler não tardara a ocupar toda a Checoslováquia, rompendo com a promessa de se contentar com a região pré-estabelecida. Era evidente que iria fazer o mesmo com a Polónia. Dada a aliança de França e Inglaterra com os polacos, a guerra era incontornável. E já não se tratava de uma questão de meses, mas de semanas ou até dias. Eu precisava urgentemente de tomar uma decisão; a minha vida dependia disso. Por fim, decidi-me a regressar à Alemanha. Não fazia ideia do que aconteceria depois, mas pouco me importava. Havendo guerra, estaria perdido de qualquer maneira. Mais valia cometer aquela loucura.

»Nos últimos dias antes de partir, fui tomado por uma estranha sensação de paz. Estávamos em maio e os canteiros do Rond-Point enchiam-se de tulipas coloridas. À tardinha a cidade revestia-se da luz prateada e das sombras azuis dos impressionistas. Acendiam-se os primeiros candeeiros e por detrás do seu brilho frio estendia-se o céu esverdeado. Nos painéis luminosos sobre os telhados dos jornais, corriam letras encarnadas que não se cansavam de anunciar a guerra a quem as soubesse ler.

»Comecei por ir à Suíça. Tinha de estrear o passaporte num local seguro antes de poder fiar-me no documento. O guarda fronteiriço francês devolveu-me com a indiferença expectável. Só é difícil sair de países que vivem sob ditaduras. Mas quando entrou o guarda suíço, senti que algo se retraía dentro de mim. Mostrei o ar mais descomprometido possível, mas sentia nas paredes dos pulmões um ligeiro estremecer, como quando num dia sem vento uma folha começa a agitar-se.

»O guarda folheou o passaporte. Era um homem entroncado, de ombros largos, que cheirava a fumo de cachimbo. À porta do compartimento, não deixava entrar a luz e, por instantes, senti que era a minha liberdade que ele me estava a negar — como se pela sua presença transformasse aquele espaço numa prisão. Passado um pouco, devolveu-me o passaporte.

»— Esqueceu-se do carimbo — avisei, tão aliviado que as palavras me saíram mais precipitadas do que era minha intenção.

»O guarda sorriu.

»— Não se preocupe. Carimbo já. Faz-lhe assim tanta diferença?

»— Não. Acima de tudo, serve de lembrança.

»O homem carimbou o passaporte e saiu. Apertei os lábios. Tinha

ficado tão nervoso! Só então me ocorreu que o passaporte parecia um pouco mais oficial com o carimbo.

»NA SUÍÇA, PASSEI UM DIA A MATUTAR SE DEVIA OU NÃO IR DE COMBOIO para a Alemanha. Acabei por ter medo de o fazer. Não sabia se os passaportes dos alemães, ou até dos ex-austríacos retornados, seriam ou não inspecionados com especial atenção. Era pouco provável que fossem; ainda assim pareceu-me mais prudente atravessar a fronteira por vias não oficiais.

»Em Zurique, fui à estação de correios, tal como já tinha feito da primeira vez que visitara o local, anos atrás. No guiché da Posta-Restante, encontrava-se quase sempre caras conhecidas — almas vagabundas, sem autorização de residência, que nos podiam dar informação. Dali segui para o Café Greif — a versão suíça do Café de la Rose. Abordei várias pessoas que tinham passado a fronteira ilegalmente, mas ninguém que soubesse indicar uma forma segura de voltar à Alemanha. Era compreensível. Quem mais, além de mim, queria ir para a Alemanha? Reparei na maneira como aquela gente me olhava. Quando percebiam que eu estava a falar a sério, afastavam-se de mim. Julgavam que quem tivesse a intenção de voltar lá devia ser um traidor; quem é que faria tal coisa, a não ser que pactuasse com o Regime? E se alguém era capaz de fazer tal coisa, o que mais seria capaz de fazer? Quem ou que convicções estaria disposto a trair?

»Fiquei isolado. Evitavam-me como se eu fosse um assassino. E não podia justificar-me; cada vez que pensava no que estava prestes a fazer, o pânico que me assaltava era de tal ordem que desatava a transpirar; se eu próprio reagia assim, como poderia explicar os meus planos aos outros?

»No terceiro dia, às seis da manhã, a Polícia veio arrancar-me da cama. Tornou-se evidente que alguma das pessoas com quem travara conhecimento me tinha denunciado. As autoridades desconfiaram do passaporte e levaram-me para ser interrogado. Felizmente tinha o passaporte carimbado, e assim pude comprovar que entrara legitimamente no país e só lá estava há três dias. Nunca me hei de esquecer daquela madrugada em que andei na rua com escolta policial. As torres e os telhados da cidade surgiam nitidamente destacadas do céu sem nuvens, como se houvessem sido recortados em metal. Senti sair um cheiro a pão quente de uma padaria, e esse aroma parecia trazer com ele todo o consolo do mundo. Percebe o que quero dizer com isso?»

Fiz que sim com a cabeça.

— O mundo nunca parece tão belo como quando nos estão a prender. Quando estamos prestes a abandoná-lo. Se ao menos guardar essa sensação...

— Foi assim que me senti.

— Conseguiu agarrar-se a isso? — perguntei.

— Não sei — respondeu Schwarz passado um pouco. — É isso o que quero descobrir. Deixei-a escapar por entre os dedos... mas mesmo quando a tinha na mão, será que alguma vez a tive sem reservas? Será que não posso recuperá-la, ainda mais intensa do que dantes, e agarrá-la para sempre? Agora que já nada pode mudá-la? Não será verdade que estamos constantemente a perder aquilo que julgamos ter seguro? Será que perdemos essas coisas por serem inconstantes? E será que só se fixam quando nos fogem e não há como modificá-las? Será só nessa altura que realmente nos pertencem?

Olhava-me fixamente, sem vacilar. Era a primeira vez que me olhava de frente. Tinha as pupilas dilatadas. Deve ser louco ou fanático, pensei.

A senhora de vestido de noite levantou-se da mesa ao lado. Olhou da varanda para a cidade e o porto lá em baixo.

— Porque é que temos de voltar, querido? — perguntou ao homem de *smoking* branco. — É uma pena não podermos ficar! Não tenho a mínima vontade de voltar para a América.